

Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil

Psychoanalysis and education: Transference in pre-school education

Psicoanálisis y educación: la transferencia en la educación infantil

Marcos Rogério dos Santos Souza ¹

Carla de Oliveira ²

Resumo

SOUZA, M. R. dos S.; OLIVEIRA, Carla de. Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil. *Rev. Ci&Trópico*, v. 44, n. 2, p. 255-275, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2\(2020\)art9](https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2(2020)art9)

O estudo objetiva refletir sobre alguns conceitos da psicanálise entre esses a Transferência que são os afetos ternos e hostis que ligam um sujeito ao outro na relação que se investe na prática pedagógica da educação infantil. Propomos uma reflexão acerca da formação dos profissionais da educação, das leis que regulamentam a profissão e as que determinam a obrigatoriedade de oferta de ensino pelos agentes públicos. Sendo uma pesquisa qualitativa descritiva de cunho bibliográfico e com base na experiência do autor/pesquisador. Consideramos a psicanálise como alicerce para compreensão do funcionamento psíquico, psicosssexual do sujeito e das relações objetivas e subjetivas entre aluno/a e professor/a. Nesta direção teórica apresentamos os conceitos psicanalíticos para a compreensão do desenvolvimento da criança e da prática docente na educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Psicanálise. Transferência. Professor(a). Aluno(a).

Abstract

SOUZA, M. R. dos S.; OLIVEIRA, Carla de. Psychoanalysis and education: Transference in pre-school education. *Rev. Ci&Trópico*, v. 44, n. 2, p. 255-275, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2\(2020\)art9](https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2(2020)art9)

This study aims to reflect on some of Psychoanalysis concepts such as the transference which comprises friendly or hostile affections that relate one subject to another in a relationship invested on the pedagogical practice in pre-school education. We propose a reflection on the formation of education professionals, the laws that regulate this profession and the ones that determine mandatory requirements of education provision by public agents. Given that this is a descriptive, qualitative, literature-based research, also derived from

¹ Mestrando em Educação, Pedagogo, Psicopedagogo, Orientador Educacional, graduando em Psicologia e Pós-Graduando em Políticas Públicas e Educação. E-mail: marcossouzas@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4444-0721>. Universidade LaSalle.

² Pós-doutora e Mestra em Ciências Médicas. E-mail: carla.doliveira@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6344-1493> Faculdade São Francisco de Assis

the very author/researcher's experience, we consider psychoanalysis as the foundation for understanding the psychic, psychosexual functioning the individual and the objective and subjective relationships between student and teacher. In this theoretical direction we present the psychoanalytic concepts for understanding the development of children and the teaching practice in pre-school education.

Keywords: Pre-school Education. Psychoanalysis. Transference. Teacher and Student.

Resumen

SOUZA, M. R. dos S.; OLIVEIRA, Carla de. Psicoanálisis y educación: la transferencia en la educación infantil. *Rev. C&Trópico*, v. 44, n. 2, p. 255-275, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2\(2020\)art9](https://doi.org/10.33148/cetropicov44n2(2020)art9)

El estudio tiene como objetivo reflexionar sobre algunos conceptos del psicoanálisis, entre ellos la Transferencia, que son los afectos tiernos y hostiles que vinculan a un sujeto con otro en la relación que se invierte en la práctica pedagógica de la educación infantil. Proponemos una reflexión sobre la formación de los profesionales de la educación, las leyes que reglamentan la profesión y las que determinan la obligatoriedad de la oferta educativa de parte de los agentes públicos. Se trata de una investigación descriptiva cualitativa de carácter bibliográfico y basada en la experiencia del autor/investigador. Consideramos el psicoanálisis como base para comprender el funcionamiento psíquico, psicosexual del sujeto y las relaciones objetivas y subjetivas entre alumno y profesor. En esta dirección teórica, presentamos los conceptos psicoanalíticos para comprender el desarrollo del niño y la práctica docente en la educación infantil.

Palabras clave: Educación Infantil. Psicoanálisis. Transferencia. Profesor(a) y alumno(a).

1. Introdução

O presente artigo propõe refletir sobre o processo educativo, isto é, a prática docente e suas relações com o sujeito no contexto da educação infantil, tendo como suporte teórico a compreensão dos conceitos da psicanálise e seu uso como instrumento de enlace e mudança da prática pedagógica.

O tema a transferência e o desejo³ de ensinar e aprender na educação infantil é o conceito balizador para compreender a criação de vínculos afetivos e sua significação na construção do desejo de ensinar e aprender dos sujeitos e sua efetivação para a aprendizagem. Em razão do enlace, protagonizado por meio da transferência, propiciará, ao educando e ao educador, uma ressignificação do desejo de ensinar e aprender.

³ O desejo para Freud é o impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. Para usar uma fórmula agostiniana, o que caracteriza o desejo é a presença de uma ausência. O desejo é a nostalgia do objeto perdido. GARCIA-ROZA (1985).

Para tanto, analisou-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e a Resolução 06/2010 e sua importância para assegurar o acesso à educação infantil e os reflexos da educação brasileira.

Conceitua-se e caracteriza-se narcisismo primário e secundário na criança e as relações intra e interpessoais que se constroem no espaço escolar. E ainda identifica-se e assinala-se o complexo de Édipo na infância e suas relações com as figuras parentais, e a constituição do sujeito no processo educativo; estabelecendo e investigando as relações entre o desejo de aprender e o sujeito que ensina.

A transferência e o desejo de ensinar e aprender na educação infantil e sua dinâmica no processo de ensino e aprendizagem constituiu-se pela necessidade de qualificar o quadro docente, que atua na educação infantil, objetivando que esses profissionais necessitam de suporte teórico em conhecimentos sobre psicologia, psicanálise, didática e legislação, para ressignificar sua prática pedagógica, visto que esse fazer situa-se na disponibilidade para acolher as falas dos sujeitos envolvidos na educação, fazendo a escuta do dito e, principalmente, do não dito, de forma singular e única para que possam então articular a prática docente, a partir do discurso do educando e ressignificando o fazer docente em uma ancoragem teórica.

Neste sentido, observa-se que a formação docente ainda possui caráter técnico, limitando-se à área de formação do educador/a, demonstrando, na prática docente, a necessidade de aprofundamento em conhecimento em outras áreas do desenvolvimento humano, para que o docente possa alinhar o fazer pedagógico e as necessidades de aprendizagem, dos educandos, num saber multidisciplinar, podendo ser realizada na formação inicial dos educadores ou em formação continuada.

Assim o conceito de transferência, segundo Freud (2011), na teoria psicanalítica, mostra que a prática docente, articulada entre educação e psicanálise, pode criar melhores condições para que aluno/a e professor/a consigam se enlaçar na transferência e desta forma favorecer o desenvolvimento dos sujeitos.

A escola deve construir significado/sentido para a família, para a criança e para o professor/a. Conscientizando-se desta importância, o professor/a conseguirá fazer a diferença na construção da aprendizagem do aluno/a, oportunizando-o e ressignificando os saberes desejados pelo sujeito (MEIRIEU, 2005). Dessa forma, percebe-se que esse sentido se legitima antes mesmo da chegada da criança à escola, durante o processo de entrevista com os responsáveis e que as vezes não são feitas pelo educador/a, tendo em conta a organização pedagógica da instituição.

A entrevista pode e deve ser o momento, em que o professor/a precisa demonstrar aos sujeitos, da função materna e paterna⁴, que a escola é espaço de acolhimento e a participação da família será fundamental no processo de construção da aprendizagem e formação integral do educando/a. Cabendo ao educador/a fazer

⁴ A função materna e paterna implica em atribuições concretas como as relacionadas à higiene, alimentação, afeto, que incluem aspectos inicialmente no plano da sensorialidade, por parte dos adultos tutelares. As funções materna e paterna enquanto simbólicas estão implícitas em atitudes de conduta tanto de mães, pais, ou daqueles que acabam exercendo funções de cuidado e educação de crianças. No desempenho da função materna e da função paterna entram em jogo características pessoais do pai e da mãe, bem como determinadas condições emocionais de cada um que se referem às suas vivências na infância e

a criação e a articulação da cena amorosa que se estabelecerá no espaço pedagógico. Compreende-se que a cena amorosa seja o espaço de criação de vínculos afetivos, que se estabelecem no seio familiar e que devem continuar no espaço escolar, dado que se compreende que o professor/a ocupará a função materna e paterna na construção do ideal de eu da criança.

Neste sentindo, a prática pedagógica docente, na educação infantil, deve se sustentar em estratégias que priorizam a ludicidade. Deste modo o discurso do professor se fará presente no discurso dos responsáveis e legitimará ou reconstruirá as fantasias e os desejos desta família, frente ao mundo imaginário, que se monta sobre a escola, no imaginário da criança. Essa construção dará suporte para que a criança seja capaz de colocar-se como sujeito de desejo no espaço escolar e de se fazer objeto de desejo do fazer do professor/a. Seguem as palavras de Kupfer (2013):

[...] o saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obturação da falta no Outro. (KUPFER, 2013, p.119)

A educação brasileira vem apresentando índices elevados de repetência e evasão, de acordo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que avaliam a educação nacional, nos primeiros anos do ensino fundamental, a partir da Provinha Brasil, evidenciando que os alunos são incapazes de interpretar textos básicos. De acordo com os dados oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP⁵, referente ao Censo Escolar de 2018 foram 1,3 milhão de matrículas a menos, isso nos mostra que são cerca de dois milhões de crianças e adolescentes de idade entre 4 a 17 anos fora da escola. Já os indicadores como a Provinha Brasil, que avaliam os conhecimentos relacionados à matemática, mostram alunos com acentuada dificuldade no domínio das quatro operações. Esses alunos também demonstram incapacidade no desenvolvimento da construção do saber científico.

Neste contexto é importante refletir sobre os indicadores, que avaliam a educação brasileira, mas não se pode utilizar de forma isolada esses instrumentos, precisa-se pensar que se vive num país de dimensões continentais e que há necessidade de políticas públicas diferenciadas, para atender as demandas, destas crianças e construir os conhecimentos mínimos necessários para sua autonomia.

suas capacidades de elaboração de vivências de frustração, separação e do complexo edípico. O exercício da função materna e da função paterna requer uma série de atributos, aptidões e tarefas, que vão se modificando de acordo com o desenvolver da criança. BORGES (2005).

⁵ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua missão é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país e uma das principais ações do instituto é o Censo Escolar que é realizado anualmente com todas as escolas públicas e privadas do Brasil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, com vista regulamentar a educação no Brasil e mais tarde a Resolução 06/2010, que determina a entrada de crianças na educação infantil com quatro anos de idade, ampliando assim a permanência do educando no ensino fundamental, propõe-se alterar as dificuldades de acesso e permanência das crianças e adolescentes nas escolas do Brasil.

Ponderamos que as dificuldades resultam de uma educação deficitária na qual são expostas crianças e adolescentes, que servem para reproduzir um sistema de controle do conhecimento e que fere a subjetividade individual e coletiva de uma nação, pois retira de ambos as possibilidades, que possam advir de uma educação de qualidade e que garanta ao sujeito a construção de sua individualidade, de seus desejos e de sua autonomia. A rede pública de ensino apresenta dificuldades no campo estrutural com prédios sucateados, falta de recursos pedagógicos, tecnológicos e também falta de professores com formação inicial adequada.

Embora se saiba que o desejo dos responsáveis pela criança é de ter uma escola com estrutura e ensino de qualidade, isso ficará para um futuro distante, tendo em vista a política educacional e econômica de nosso país, que não prioriza políticas públicas para a educação. O futuro dessas crianças, e de seus pais é rompido por essa política, que aniquila a possibilidade da realização de sonhos e de desejos, visto que vivemos em um país onde a democracia reside em currais eleitorais e/ou campos ideológicos de uma esquerda corrupta e saqueadora e uma direita autoritária e perversa. Embora o Plano Nacional de Educação em vigência, Lei 13.005/2014, estabelece vinte metas para a união, estados, distrito federal e municípios para que consigam, no prazo de dez anos, atingir as metas definidas nos respectivos planos.

As universidades, no Brasil, formam professores/as, com base em currículos deficitários, em consequência habilitam técnicos em determinada área do conhecimento, deixando de fornecer subsídios em didática e principalmente, alicerçando os educadores com conhecimento em psicologia, para que compreendam as relações entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar, que são fundamentais no processo de aprendizagem. Não se está, aqui, conjecturando apenas um currículo, que instrumentalize o professor/a, mas que se proponha a transpor os limites dos conceitos, possibilitando ao professor fazer de sua prática, um ato orquestrado, no qual ele saiba e consiga dirigir o fazer pedagógico, visando com exclusividade à autonomia do educando e respeitando sua subjetividade.

Para que o professor/a possa compreender o desenvolvimento da criança é necessária uma formação multidisciplinar, com vista à execução do planejamento e criação de estratégias para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Assim o estudo de uma linha teórica da psicologia, que possa propiciar conhecimentos e assegure condições de estabelecer relações entre aprendizagem, conhecimento e, principalmente, propiciar construção de vínculos afetivos, possibilitando transcender a prática pedagógica, em uma visão interdisciplinar e/ou transdisciplinar, onde o educando possa e faça o antropofagismo do que emana do professor e não apenas seja um acumulador de conhecimentos.

Concebe-se à psicanálise o alicerce que dará sustentação sobre o funcionamento psíquico, psicosexual do sujeito e as relações objetivas e subjetivas entre esses, propiciando a melhora na prática docente e a ressignificação da aprendizagem. Para isso, propõe-se a reflexão sobre os conceitos psicanalíticos, tais como: narcisismo primário e secundário e suas relações para o sujeito, à identificação e à caracterização do complexo de Édipo e sua influência no desenvolvimento da criança e no processo de construção da aprendizagem e as relações com a formação do superego, articulando com o conceito de transferência como mecanismo que favorece o desejo de ensinar e aprender. Sendo a transferência *sine qua non*⁶ para o professor/a construir e reconstruir sua prática em sala de aula, demonstrando habilidade no manejo com os vínculos que se estabelecem no espaço escolar. Em Nasio (1999):

[...] O que é a transferência? A transferência é uma repetição bem particular: em lugar de recordar o passado, o analisando o repete como uma experiência vivida, no presente do tratamento analítico, ignorando que se trata de uma repetição. O paciente transfere suas emoções infantis, do passado para o presente e de seus pais para o analista. No entanto, devemos deixar bem claro que o vínculo transferencial com o analista não é a simples reprodução, no presente, dos laços afetivos e desejantes do passado. A transferência é antes de mais nada, a atualização no presente das fantasias que outrora alimentaram os primeiros laços afetivos. [...] a transferência não é uma simples repetição de uma antiga relação concreta, mas a atualização de uma fantasia permanente. (NASIO, 1999, p.85-86).

De posse dos conceitos psicanalíticos, que o professor/a consiga ser continente na construção da aprendizagem de seus educandos, realizando a escuta qualificada do que vem do outro, ouvindo o não dito da criança, fazendo a escuta e a ancoragem dos conflitos psíquicos e cognitivos, que advém da criança. Sendo que se compreende o educador/a não como o fornecedor de conhecimentos, mas o sujeito que fará e dará ancoragem e será continente às angústias, que se criam no processo de aprendizagem e nas relações entre os personagens envolvidos na prática educativa, sendo ele o ideal de eu do educando. E assim, segundo Millot (1995):

[...] a educação se situaria do lado do narcisismo, do “imaginário”, do ideal – do lado da “ilusão”. O educador, cujo poder é proveniente da transferência, não poderia querer, enquanto tal desfazer-se dele; a instância do Ideal-do-eu e a possibilidade da transferência fundam ao poder de todo condutor de homens,

⁶ *Sine qua non* é uma expressão que originou-se do latim, e pode ser traduzido/ explicado como “sem a/o qual não se pode ser”. Trata-se de uma ação cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.

educador ou governante. Será que a missão do educador é assegurar – graças ao que poderia ser chamado de “educação imaginária”, educação do narcisismo – as condições de possibilidade do submetimento do educando a figura do “mestre”? Tendo em vista seus efeitos mais constantes, esta pareceria ser a meta comum da educação. (MILLOT, 1995, p.132).

Para melhor desempenhar sua prática docente, é *mister* ao professor/a inteirar-se dos conceitos de uma linha teórica da psicologia e poder articular com a experiência, que se cria em sala de aula e também nas dinâmicas, que se estabelecem no espaço escolar. Neste sentido, pode-se subsidiar os educadores a partir da formação continuada, oferecida no espaço escolar ou em outros espaços de formação. Esta escrita propõe o estudo dos conceitos da psicanálise, relacionando ao desenvolvimento da criança para que o professor/a possa utilizar e aplicar em sua prática pedagógica, propondo a este, que acolha o sujeito, fazendo uma escuta do seu falar, do seu corpo, compreendendo a dinâmica da criança e suas relações com o meio, com a família e com a escola para que se possa fazer a escuta do sujeito, sob o viés da ética da psicanálise.

O professor/a da educação infantil, na sua prática pedagógica, ao planejar sua intervenção junto ao aluno, antes mesmo do primeiro dia de aula, quando organiza as entrevistas com os responsáveis pela criança, fazendo uma escuta acolhedora, que se proponha ir além do roteiro, neste momento, o docente também irá despertar no familiar o que seja o ideal de professor/a e que, supostamente, será sustentado no discurso deste no espaço familiar.

Ressalta-se que fazer a escuta amorosa, inocente, sem preconceitos e livres de julgamentos, sem juízos de valor, estando totalmente desarmado para acolher as informações, que servirão para construção de seu planejamento, dará ao professor/a melhores condições de compreender as relações, que se possam estabelecer no *setting* da sala de aula. O responsável pela criança perceberá a singularidade da entrevista, irá se conectar ao professor/a e, por sua vez, fará, deste momento, um relato positivo e estimulador aos ouvidos e olhos da criança. O professor/a precisa aprender a fazer a escuta qualificada do não dito, escutando o que vem do outro, despidendo-se de qualquer ideia preconcebida (o não dito reside no subjetivo e conteúdo latente dos sujeitos), escutar e ver o que há de subjetivo no discurso da família e no sujeito, que se fará presente no ambiente escolar, durante o processo de construção de habilidades e competências, fará do professor/a o condutor de uma jornada harmônica e em sintonia com os desejos e anseios que se estabeleçam, pois sabe o que vem do aluno e de sua família, e com base nos conceitos psicanalíticos, conseguirá promover a construção da aprendizagem do sujeito.

Precisa-se oferecer à criança não apenas quadro e sala de aula, mas investir no desejo do sujeito para que se criem condições para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor. Para que o professor/a possa emprestar o seu desejo para que a criança possa construir seu “querer aprender” e constituir-se enquanto sujeito

desejante, quando não houver interesse no sujeito. Desta forma, o professor da educação infantil será capaz de ensinar e aprender, ressignificando a prática pedagógica e compreendendo as relações entre os sujeitos que compõem o espaço escolar.

2. Metodologia

A presente pesquisa é de cunho qualitativo do tipo descritivo, sendo uma revisão bibliográfica. Tendo como objetivo refletir sobre alguns conceitos da psicanálise, com foco no conceito de transferência. O levantamento de dados envolveu as seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico Scholar e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Foram selecionados livros-texto, além disso, monografias e dissertações foram utilizadas para esclarecer questões relevantes ao assunto. Para o embasamento metodológico, desta escrita, foram seguidos os passos descritos por Gil (2010): a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização do assunto; e i) redação do texto.

3. Revisão de literatura

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9393/96 – LDB) nasce com o propósito de universalizar a educação básica, com a nova lei institui-se a década da educação no Brasil. Diante dessa nova política sobre a educação, mais tarde, o Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução 06 de 2010, determina a obrigatoriedade do ingresso na educação Infantil, com quatro anos de idade. Como mostra o “Art. 2º para o ingresso na Pré-Escola, a criança deverá ter idade de quatro anos completos até o dia 31 de março, do ano que ocorrer a matrícula” (Resolução 06/2010). Observa-se que tanto a LDB 9394/96 como a Resolução 06/2010, asseguram o direito à educação, cabendo a seus agentes públicos o desenvolvimento de políticas para sua execução conforme sua competência.

A educação básica no Brasil, embora seja direito de todo cidadão e dever do Estado, Conforme o Art.205 da promulgada Constituição Federal de 1988, ainda não é ofertada dentro de padrões mínimos de qualidade, já que falta estrutura nas escolas, material didático, alimentação adequada aos educandos, transporte escolar, formação universitária a muitos professores e ainda formação continuada.

Estando longe de garantir o acesso e a permanência a todas as crianças de acordo com a lei, o estado brasileiro é obrigado a ofertar vagas mediante a imposição do poder judiciário, que obriga o município a cumprir com a demanda de vagas, porém não assegura qualidade nesta oferta. A educação brasileira, conforme mostram os dados do INEP, o Brasil figura entre o último colocado no ranking internacional. E nas avaliações internas, mostram que muitos alunos em idade de alfabetização não conseguem ler e não são letrados. O que evidencia descaso na execução de políticas públicas junto à rede estadual e municipal.

Quando se pensa em ambiente estimulador para a aprendizagem, que possa despertar no educando/a e no educador/a o desejo pelo aprender e ensinar, não se está apenas querendo prédios com estrutura, salas amplas com iluminação adequada e com equipamentos tecnológicos. Pensa-se um pouco além, com mobiliário (mesas, cadeiras, armários) que atendam as necessidades físicas das crianças. Os banheiros devem possuir sanitários que possibilitam a construção da autonomia, tão necessária para o desenvolvimento infantil.

A escola é o espaço de descobertas e de aprendizagens, por parte da criança. Diante disso, são necessários profissionais formados, capacitados, qualificados e em número adequado para atender as necessidades das crianças. Tendo em vista que o professor/a ocupa-se com a formação integral do sujeito, sendo a escola o primeiro espaço em que a criança se colocará após a saída do seio familiar. Assim a formação dos profissionais na Educação Básica e Superior é prevista na LDB 9394/1996, em seu Art. 61, visto que é necessário para a Educação Infantil que o profissional seja formado em nível médio, curso Normal e/ou nível Superior.

Segundo Ocariz (2003), a família é o primeiro espaço em que a criança se reconhece como sujeito, sendo assegurada pelo fazer (alimentação, cuidados com a higiene e afeto) da mãe e do pai ou dos sujeitos que exercem a função materna e paterna para a sua proteção e desenvolvimento integral. A criança, antes de seu nascimento, é colocada como objeto de desejo da mãe que a subjetiva, cantando canções de ninar e fazendo diálogos com o “mamanhês”, assim o sujeito vai se organizando estruturalmente, pois já é suposto no desejo dos pais, muito antes do nascimento, sendo que este desejo se faz na função materna e paterna e também do Outro da linguagem, a partir do nascimento. Quando a mãe acaricia, banha, alimenta em seu seio e estabelece diálogos (mamanhês) com o bebê, ela está estimulando as mucosas que provocam sensação de prazer. O ser humano diferencia-se de outros animais pela construção cultural na qual está inserido e é dessa construção que será transmitida a linguagem, que conduzirá para se tornar sujeito da linguagem. Neste sentido, observa-se o que diz Bernardinho (2006):

A mãe fala no lugar do bebê, na primeira pessoa e lhe responde como se fosse ele que tivesse falado. Neste diálogo, o bebê lhe dá atenção ativamente, com seu olhar e sua voz. [...] A mãe fala em *mamanhês*. [...] o *mamanhês* é o dialeto de todas as mães do mundo quando elas falam com seus bebês: a voz é postada um tom mais alto e a entonação é exagerada. (BERNARDINO, 2006, p.97-98).

Buscando compreender a legislação, o espaço escolar e a entrada da criança de quatro anos na escola, é que nossa escrita se desenvolverá, refletindo sobre a transferência e o desejo de ensinar e aprender na educação infantil. Propõe-se uma análise sob o viés da educação e dos conceitos da psicanálise. Freud elabora, primeiramente, um sistema topográfico para o estudo do psiquismo com a criação da Primeira Tópica: Consciente, pré-consciente e inconsciente e a barra do recalque, Nasio (1999). Como

o modelo topográfico não mais dava conta de explicar o funcionamento psíquico, Freud estabelece o modelo estrutural que denominou de Id, Ego e Superego, a segunda tópica. Em Freud (2011), observa-se o funcionamento do aparelho psíquico (Ego, Id, Superego), que poderá facilitar as conexões do olho no olho, do fazer pedagógico, visto que não há sujeito de aprendizagem, quando não há sujeito psíquico. Ainda em Freud (2016), a compreensão das fases do desenvolvimento psicosssexual, proposto pelo pai da psicanálise, são estruturantes para o sujeito. Assim e com o domínio destes saberes, o professor/a irá criar condições para organizar sua prática e ação pedagógica, fazendo interferências alicerçadas na teoria e técnica psicanalítica, favorecendo a construção cognitiva, afetiva e psicomotora do sujeito.

Sobre a sexualidade infantil, Freud descreve que o sujeito, desde os primeiros dias de vida, logo após o nascimento, seja impulsionado, pela libido, à energia dos instintos sexuais. Postulando que as crianças e não só os adultos são sexualizados, forjando o conceito de perverso polimorfo, sendo assim, a sexualidade existe no sujeito independente de registro biológico do sexo, podendo acontecer em qualquer momento da vida. O pai da psicanálise postula cinco fases do desenvolvimento sexual: fase oral (erotização é a boca), fase anal (erotização é no ânus), fase fálica (erotização é o órgão sexual), fase da latência em que o interesse sexual se aquieta, ocorrendo uma sublimação das energias libidinal e agressiva, momento em que dispõe de habilidades para lidar com as pessoas e com as questões que lhe são colocadas, ocorrendo também as identificações edípicas e consolidação da identidade sexual e dos papéis sexuais e fase genital (quando a erotização não está mais no próprio corpo, mas no objeto externo), (FREUD, 2016).

A fase oral é caracterizada pela capacidade de o bebê sugar, a via de satisfação são os alimentos que entram pela boca, sendo o seio materno o objeto de satisfação do desejo, o bebê costuma sugar além do seio (polegar, mãos, pés ou a tentativa de devorar a mãe). E ainda leva objetos à boca como via de reconhecimento e satisfação. Nesta relação ambivalente, estabelece-se, na criança, a fantasia de ser comida ou destruída pela mãe. Observa-se a fase anal que é caracterizada pela expulsão e retenção das fezes. Freud propôs a equivalência simbólica entre fezes e dinheiro e também em uma relação “ativo” e “passivo” (GARCIA-ROZA, 1985).

Lembrando que deixar o seio familiar, onde se é objeto de desejo dos responsáveis e aventurar-se em uma instituição em que tudo se agiganta em relação ao seu tamanho físico e seu mundo de fantasias é ansiogênico, impactando no psiquismo do sujeito. Quando as crianças são encaminhadas para escola é importante observar que ficam inseguras, temerosas, choram, gritam, ficando extremamente assustadas com o novo ambiente, que pode não ter significado a ela, pois não se fez presente no discurso (desejo) dos agentes da função materna e paterna e, diante disso, terá que adquirir forma no discurso do professor/a frente à criança, considerando que o professor/a ocupa, para a criança, o lugar de Ideal de eu. Como diz Garcia-Roza (1985):

[...] Desejo se torne humano e para que constitua um Eu humano, ele só pode ter por objeto um outro Desejo. Dois desejos animais tornam-se desejos humanos quando abandonam os objetos naturais para os quais estavam voltados e se dirigem um para o outro. Desejar o Desejo do outro, eis o que caracteriza o Eu como Eu humano. (GARCIA-ROZA, 1985, p.142)

Considera-se que há lacunas na formação inicial docente, visto que no processo de formação acadêmica ou no curso Normal são oferecidos aos educadores conhecimentos sobre didática, legislação e algumas noções gerais sobre psicologia, porém não há aprofundamento de conceitos nesta área e ainda menos em Psicanálise, que é um dos campos da psicologia. Diante disso, percebe-se uma lacuna na formação profissional e principalmente sobre o aprofundamento e aplicação dos conceitos psicanalíticos no contexto de sala de aula.

Freud pensava que o processo educativo era um ato impossível de se fazer, no entanto, acredita-se que a compreensão de alguns conceitos psicanalíticos e principalmente do conceito de transferência possa estabelecer uma melhora significativa na prática docente e no desenvolvimento do educando, pois a transferência situa-se no campo das relações intra e interpessoais dos sujeitos.

No início da vida, a criança encontra-se indiferenciada da mãe, em um estado de fusão com o corpo materno, sem distinguir o mundo interno do mundo externo. Assim, o narcisismo constitui-se em narcisismo primário, libido narcísica, ou seja, sendo o estado inicial em que a criança investe toda sua libido em si mesma e a onipotência rege a vida psíquica (FREUD, 2010). É bom lembrar que antes de estabelecer relações com os objetos do mundo externo, nesse momento anterior à formação do Eu, denominado narcisismo primário, a preservação da onipotência do bebê, pelos pais ou substitutos, torna-se fundamental, para que a criança possa se organizar subjetivamente enquanto sujeito. Revivido pelos pais, que reeditam o próprio narcisismo, na posição em que colocam “sua majestade, o bebê”, Nasio (1997).

Ainda em Nasio (1997), há um investimento sobre um objeto, o qual, em um segundo momento retorna ao Eu. O Eu será então, tomado como objeto das pulsões sexuais, correspondendo ao momento da formação do Eu e da libido objetual, sendo preciso ultrapassar os limites do narcisismo primário para se estabelecer relações com os objetos do mundo externo. Esse deslocamento é atribuído ao momento em que a criança se vê confrontada com um ideal externo e com o qual tende a se comparar. O ideal de Eu rege o narcisismo secundário e é substituto do Eu ideal, da perfeição do narcisismo primário. Lembrando que o ideal de Eu tem sua origem no complexo de castração, assim reconhecendo ser incompleta, a criança passa a dirigir o seu amor aos objetos (NASIO, 1997). Reforça-se que o professor ocupa, para criança, um lugar de Ideal de eu.

Jean Jaques Lacan, nascido na França, é um dos grandes nomes da psicanálise, depois de Freud, ampliando os conceitos do mestre e possibilitando outras compreensões sobre o sujeito. Para Lacan (1980) o prenúncio do complexo de Édipo é o estádio

do espelho como sendo a constituição do eu, da identidade, da distinção entre o Eu e o Outro, demarcando as bordas do corpo, o eu é uma identificação com o Outro, onde a criança olha para o Outro, olha para o olhar do adulto, para que o mesmo diga sem dizer, que ela vê o que o adulto vê (eis-me-aqui), percebendo-se assim enquanto sujeito. O estádio do espelho é uma montagem de um real, do corpo da criança e de uma imagem, a projeção do desejo da mãe, que opera no inconsciente materno, sendo uma imagem que impacta o discurso e tem o poder de transformar em linguagem o que era puro real, pura descarga do bebê. E para que a criança se constitua enquanto sujeito, é preciso que a mãe tome o bebê como objeto de seu desejo (falo imaginário) e também que este se faça objeto de desejo da mãe, sendo o circuito pulsional que dará as primeiras identificações do sujeito e sua ausência denota a ausência do laço constituinte da subjetividade, Nasio (1997). De acordo com Lacan (1980):

[...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1998, p.100)

Em Dor (1989), é por meio do estádio do espelho que a criança se reconhece, recuperando assim a dispersão do corpo esfacelado em uma totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio, a imagem do corpo que é estruturante para a identidade do sujeito, e essa conquista da identidade é sustentada pelo imaginário (a imagem do corpo se esboça como imagem exterior e invertida). É pela relação com a mãe que a criança poderá constituir o Eu, instância imaginária, que dá consistência à imagem corporal, definindo um traçado do corpo, do reconhecimento da imagem própria a partir do outro/Outro materno.

Em Freud (2011), o Complexo de Édipo é o conjunto de investimentos amorosos e hostis que a criança faz sobre seus pais e ao mesmo tempo, um processo que faz desaparecer estes investimentos, substituindo-os por identificações com os mesmos e são destas identificações, que se possibilitará o desenvolvimento da aprendizagem e da transferência. Nesta relação, o aluno/a coloca o/a professor/a em uma posição de ideal de eu/sujeito suposto saber, ou seja, o desejo do aluno/a se fixa ao desejo do/a professor/a, tendo sido esse desejo constitutivo nas relações com os agentes da função paterna e materna. Pondera-se que, na atualidade, o descaso com o profissional de educação poderá dificultar a posição de sujeito suposto saber/ideal de eu, tendo em vista que a figura do/a professor/a pode não se colocar como objeto de desejo. Tanto o menino, quanto a menina têm a mãe como objeto de satisfação de sua libido, amando a mãe, incondicionalmente, e tendo o pai como rival amoroso. Para o psicanalista Nasio,

o Édipo é o complexo do qual nenhuma criança escapa, onde o falo é representado como objeto de desejo, ser como o pai para ter a mãe (normal) e ou ser como mãe para ter o pai (invertido), é no Édipo que se dá a castração em que vigora a lei do pai.

Conforme descreve Nasio (2007), o menino, no primeiro tempo, acredita que todos têm pênis, no segundo tempo, o pênis é verbalmente ameaçado pelo pai, em consequência da masturbação, no terceiro tempo, o pênis é ameaçado, pois o menino vê o corpo nu da mulher, e no quarto tempo, o menino vê a mãe como sendo castrada, ou seja, desprovida de pênis, pensa que pode vir a ser castrado como ela. Surge o medo da perda com a angústia de castração e, no tempo final, há uma separação da mãe, e o desejo é dirigido a outras mulheres. O menino se identifica com o pai e com suas proibições morais “superego”.

Ainda de acordo com o autor, o complexo de Édipo na menina: o primeiro tempo, todos têm pênis, no segundo tempo, a menina compara o clitóris ao pênis e o julga inferior (pequeno), mas crê que a mãe não é castrada, no terceiro tempo, dá-se a descoberta de que a mãe não tem pênis, surgindo assim a inveja do órgão. Desta forma, a menina pensa que lhe tiraram o pênis, assim como da mãe e a responsabiliza, dirigindo seu ódio a ela, que não lhe deu o pênis, que tanto ela queria. O tempo final é com a separação da menina com a mãe, volta-se seu desejo ao pai, pois este pode lhe dar um pênis. Buscando assim, obter do pai o pênis, e como não consegue, faz uma troca simbólica pelos bebês que o pai pode lhe dar.

Surge assim, o amor pelo pai e busca se identificar com a mãe para obter o amor deste, iniciando assim, o complexo de Édipo na menina. Podendo ser resumido e apresentado como: ser ou não ser o falo materno (identificações perverso-polimorfás, oscilações dialética entre ser ou não ser o falo materno); mediação do pai, privação da mãe, aceitação da Lei (o Nome-do-Pai, representa a metáfora da ausência materna e significante do desejo materno, função significante do pai, dívida simbólica) e declínio do Édipo: fim da rivalidade em torno da mãe, simbolização da Lei (dialética do ter, introdução do processo da metáfora paterna, recalque originário).

Na segunda tópica, mencionamos o superego que se forma do complexo de Édipo, momento em que as leis representadas pelas figuras parentais de forma concreta, passam a estar internalizada no psiquismo do sujeito (NASIO, 2007). A travessia do Édipo, em Lacan, traz a noção constituinte do sujeito, situando o desejo e a falta como centro da condição humana. Lacan (1998) propõe essa travessia em três tempos lógicos, que nos mostram diferentes relações com o campo do Outro e com a castração.

No primeiro tempo, o Pai Simbólico é a figura abstrata da lei, onde a criança deseja o desejo da mãe, a mãe é o grande Outro da criança, a mãe deseja algo para além do bebê, sendo o objeto de desejo, que falta à mãe (falo simbólico), significante da falta que induz a castração materna, onde a criança busca ser esse (falo imaginário), como falo imaginário, a criança é alienada (estádio do espelho) ao desejo materno e, conseqüentemente, acolhida na rede significante, tem-se então a tríade mãe, filho e falo.

Neste momento, o pai real, fica fora do circuito da relação mãe-criança, apenas circula como significante no discurso materno, sendo que sua função de corte, na

relação fusional mãe-criança, ainda não será colocada. O desejo da criança permanece assujeitado ao desejo da mãe (função materna), ela se faz objeto do que é suposto faltar à mãe, neste momento, percebe-se que o que está em jogo, para a criança, é a própria identificação ao falo, na dialética do ser ou não ser o falo para a mãe (sou tudo para ela, sou nada para ela). Desta forma, a mãe como o Outro, apresenta a linguagem e o simbólico (pai simbólico), enquanto lei simbólica que se faz presente no inconsciente materno. Será a partir do desejo da mãe que se funda o pai, enquanto nome do pai, operação simbólica, que permite à criança o afastamento necessário do desejo materno a fim de que possa desejar por si mesma e será instalação o nome do pai, que se funda o inconsciente, significantes e significados estão amarrados para o sujeito.

No segundo tempo, o Pai Imaginário é odiado, invejado e respeitado, com a entrada do pai na tríade mãe-filho-falo, a entrada da lei paterna priva a mãe do “filho-falo” e a criança de ter a mãe só para si (o pai castra a mãe), filho ser ou não ser falo, eis a questão do filho, o pai aparece no discurso da mãe (efeito de discurso do pai sobre a mãe), a criança confunde a função paterna (lei) com seu agente pai terrível (imaginário), estabelece a rivalidade fálica, instaura a diferença sexual, o pai fica no lugar de falo (antes do filho), a mãe não reintegrará ao ventre o filho, e ao filho “tu não deitarás com tua mãe”, sendo que a castração incide mais sobre a mãe. Neste momento, acontece a intervenção de um terceiro, que introduz a lei, interdição da relação fusional mãe/filho, possibilitando que a criança se depare com a falta, o pai, neste momento, passa a ocupar um lugar de significante (nome do pai), metáfora da ausência da mãe, ocupando desta forma o lugar do significante do desejo materno. Diante disso, a criança imagina que o falo da mãe é o pai (imaginário) e não mais sendo ele, assim, pai e falo se confundem, marcando, desta maneira, o pai como onipotente e privador.

Em no terceiro tempo, o Pai Real, que é agente separador, real, dissocia masculino e feminino. O pai passa ao lugar de portador da lei simbólica (conforme o valor dado pela mãe a sua palavra), o pai, com valor fálico para a mãe, deixa de ser visto como o falo e passa a ser aquele que tem o pênis que é diferente de falo, ou seja, função simbólica. O reconhecimento do pai na ordem fálica (condição de falta) permite ao sujeito elaborar a interrogação sobre a diferença sexual, Édipo e castração, possibilitando a identificação como homem ou mulher, a castração como sendo a mola do desejo no sujeito. Neste momento, a criança não está mais centrada em ser ou não ser o falo, mas em ter ou não ter o falo. O falo constitui como simbólico, circula a cadeia significante, havendo a instalação da função simbólica paterna em que o pai é investido como Ideal de eu. A função paterna coloca a criança no lugar ativo, como sujeito desejante e introduz o sujeito na castração simbólica, estabelecendo um corte entre o sujeito e o Outro. Sendo assim, será a partir da falta que o sujeito far-se-á desejante, ou seja, um sujeito faltoso sempre à procura do objeto perdido.

É salutar que o professor/a possa conhecer os conceitos da teoria psicanalítica a partir dos referenciais de Freud e Lacan, dado que os saberes propostos são complementares e, por meio destas, possa fazer as intervenções pedagógicas, favorecendo a relação professor/a aluno/a, uma vez que consegue compreender o

psiquismo da criança, desenvolvimento psicosssexual e o Édipo (vivido ou não), podendo assim possibilitar ao aluno, que deseja aprender, um ambiente melhor para seu desenvolvimento e, assim, propiciando a construção de habilidades e competências, favorecendo ainda que seu desejo de ensinar transcenda a domínio de conceitos didáticos e ou psicológicos, porque o professor exerce, ao mesmo tempo, a função materna e paterna.

É importante lembrar que essa relação, como já pontuada, é estabelecida antes mesmo da entrada da criança na escola. Quando os responsáveis pela função paterna e materna subjetivam e nominam o espaço escolar para a criança e, principalmente, possibilitam-na de criar, em seu imaginário, o desejo de se fazer objeto de desejo do professor. Colocando o professor/a em posição suprema (suposto saber/ideal de eu).

Pensa-se que, na relação professor/a e aluno/a, este desejo se constrói, na presença da criança na sala de aula fazendo o professor/a reviver os seus desejos e fantasias infantis, sobre o seu desejo de aprender que agora é substituído pelo desejo de ensinar.

Quando a criança chega à escola, no primeiro dia de aula, ela vem com uma imagem fantasiada daquilo que os responsáveis constituíram como real e também de seu imaginário. É sabido que muitos pais, avós, tios, tias, responsáveis costumam criar ideias (fantasias) sobre a escola e o que seja o ideal ou não de professor/a. É preciso, diante disso, que o educador/a possa separar o que seja fantasia dos familiares e fantasia da criança, frente ao mundo escolar que se apresenta. Pois a escola pode ser desejo dos responsáveis pela criança, da sociedade e não da criança.

A instituição escolar, a sala de aula e o professor/a, como já foram citados anteriormente, precisam ser motivos de desejo. O professor/a necessita fazer o enlace entre o desejo de aprender da criança (fantasiado pelo que os pais a subjetivaram) e o desejo de ensinar do/a professor/a para que possibilite a transferência. Reforça-se que no processo transferencial, o educador/a será a figura depositária dos amores, dos ódios e dos temores do educando/a, que se manifestam inconscientemente na cena de sala de aula, e que amarram o presente e o passado nas reedições que se constroem, nas relações do sujeito e que se faz a partir da confiança entre esses sujeitos. Conforme Ocariz (2003):

Transferência é repetição: existem falsos enlaces dos quais o analista é suporte necessário; produz-se um deslocamento de representações inconscientes e dos vínculos com as pessoas amadas e/ou odiadas, sobre a pessoa do analista. Na neurose de transferência, reproduzem-se os sintomas centrais do sujeito. Mas é um fenômeno positivo, porque à medida que o sujeito repete na transferência, podem-se observar no aqui-e-agora do campo transferencial as variáveis que constituem a problemática, o conflito do paciente. Os fragmentos da sexualidade infantil, as modalidades pulsionais e de vínculo intersubjetivo são atuados na transferência. O que acontece na transferência é um repetir, reexperimentar, revivenciar, viver de novo, determinados fragmentos da vida, que aparecem em ato. (OCARIZ, 2003, p.78-79).

Podendo o processo transferencial ocorrer, com entrada na escola pela criança, e essa, conseguir se fazer objeto de desejo e também se desligar deste papel, constituindo-se enquanto sujeito autônomo. É sabido que quando a relação entre professor/a e aluno/a dá-se pelo viés da aceitação e cumplicidade, têm-se a possibilidade de se criar espaços que sejam capazes de gerar aprendizagens para além do conhecimento. Gerando assim a efetivação do querer da criança em aprender e se desenvolver sob todos os aspectos, cognitivo, afetivo e psicomotor (MILLOT, 1995).

A criança no convívio com o professor/a consegue perceber, quando olha e é olhada, através do discurso da mesma que esta lhe deseja. Dando-se conta de que o discurso dado a ela, pelos seus genitores/responsáveis, foi verdadeiro e irá se entregar ao professor, permitindo que ocorra a transferência, que será a dinâmica da construção da aprendizagem da criança. O conceito de transferência Freud (2010), a partir da teoria psicanalítica, mostra a articulação entre educação e psicanálise na prática docente. Diferente do que Freud preconizou que era algo impossível, acredita-se que seja possível ao professor, tendo domínio do conceito de transferência, ser capaz de criar melhores condições para que aluno e professor consigam se enlaçar na transferência freudiana.

Assim, como no *setting* terapêutico, a relação analista e paciente, agora pode também ser instrumento para uso no espaço de sala de aula. Quando o/a professor/a partindo de seu agir, pensar, sentir e principalmente de seu fazer, conseguir se transferenciar com o desejo da criança, propiciará uma empatia pedagógica ao ato de aprender e ensinar, amando e odiando. Esse enlace ou essa conexão permitirá que professor/a e aluno/a façam partes dessa dobradiça, que é a transferência, compreendendo que esse movimento seja um vai e vem das reedições afetivas ou não, dos envolvidos na cena pedagógica. O fazer do/a professor/a transcende o conhecimento e conduz a criança ao encantamento pelo saber. A partir do seu olhar, do seu cuidado, do seu afeto realiza o enlaçamento do sujeito ao seu desejo de ensinar, transformando esse desejo em desejo de aprender.

A transferência é vista como algo incontornável na relação analítica, uma vez que o analisando expõe sua parte mais secreta sem se apegar àquele que o escuta. Quando o sujeito é auxiliado a voltar a si mesmo e aí descobre a emoção esquecida, é fatal amá-lo (NASIO, 1999). Reforça-se, no entanto que essa dependência afetiva, seja analítica ou sob o viés da relação aluno/a professor/a, sempre responde a questões primárias do apego e do desejo dos sujeitos. Uma vez que a transferência são afetos ternos e hostis que ligam um sujeito ao outro na relação que se investe. A imaturidade emocional faz parte da constituição do sujeito e com os cuidados da mãe ou do sujeito que realiza essa função, vai se constituindo toda a bagagem afetiva que irá alicerçar as relações que se venha constituir no campo intrapessoal e interpessoal. Como diz Kupfer (2013):

[...] O professor é também um sujeito marcado por seu próprio desejo inconsciente. Aliás, é exatamente esse desejo que o impulsiona para a função de mestre. Por isso, o jogo todo é muito complicado. Só o desejo do professor justifica que ele esteja ali. Mas, estando ali, ele precisa renunciar a esse desejo. (KUPFER, 2013, p.94).

Nossa vida é sedimentada por meio das relações que se constitui com o próximo, orientada pelas marcas primitivas e pelas experiências vividas com os responsáveis pela função materna e paterna. O sujeito também fica marcado pelas relações que estabelece, principalmente, com professores, amigos, cônjuge e filhos, mas a transferência criada com o professor permitirá que se possa amá-lo, odiá-lo ou temê-lo. Contribuindo, assim, ao desenlace da construção significativa da aprendizagem ou ainda a criação de obstáculos ao desenvolvimento do sujeito.

Percebe-se que a função de desejar e se fazer objeto de desejo da criança será fundamental, criando no psiquismo as condições para reviver as fantasias no ambiente escolar. A figura do/a professor/a possibilitará as experiências, sublimadas e os desejos, que serão revividos no desejo de aprender. De acordo com Freud, a sublimação é um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para o alvo não sexual, investindo em objetos socialmente aceitáveis. Roudinesco (1998). A escola é um ambiente sublimador, que transforma o sujeito de puro desejo em um sujeito capaz de direcionar sua criação em novas atividades, tendo o/a professor/a como agente neste processo. Citando Mrech (1999):

Na verdade, o que a transferência estabelece é algo muito maior. É da ordem da criação. O que se cria é uma peça inteira, com cenário, roteiro, personagens, etc. Esse “algo” que a transferência tece, é a própria realidade psíquica do sujeito, ou seja, a sua estrutura de funcionamento, a sua modalidade de gozo. (MRECH, 1999, p.63).

Ainda pensando no que diz Mrech, o/a professor/a precisará conhecer o cenário da sala de aula, saber conduzir o roteiro de sua prática pedagógica e conhecer o que há de objetivo e principalmente, de subjetivo nos personagens envolvidos no processo ensino e aprendizagem. Dirigindo a transferência com maestria, possibilitando não só o gozo do/a aluno/a, mas um gozo pleno a ambos os sujeitos do processo educativo, fazendo a ancoragem teórica das necessidades, que emergem do fazer pedagógico. Evidencia-se que, o/a educador/a fazendo o enlace e o manejo adequado do que se constrói em sala de aula tornará a relação pedagógica produtiva em um jogo onde o diálogo seja vivo e que o/a professor/a se permita ser o depositário do/a educando/a nas suas revivências de afeto, desafeto, antipatia e medo, possibilitando que os questionamentos desacomodem.

4. Considerações Finais

O estudo possibilitou refletir, a partir dos conceitos psicanalíticos, as relações interpessoais que se processam no espaço escolar e sua influência na construção da aprendizagem com base no sujeito, professor/a e família; definindo e compreendendo os conceitos e a importância da transferência na construção do desejo de aprender e ensinar. Relacionando a transferência, para além da prática docente, e possibilitando a articulação das relações intra e interpessoais dentro do espaço pedagógico sob o viés dos conceitos da psicanálise.

Sabe-se que o alimento afetivo é tão indispensável para a sobrevivência do ser humano quanto o oxigênio que respira ou a água e os nutrientes orgânicos que ingere. Sem o afeto ministrado pelos responsáveis pela função materna, paterna, professores/as e outras figuras significativas para o sujeito, o ser humano não desabrocha, permanece fechado em uma espécie de concha psíquica. Esse alimento, contudo, é igualmente indispensável para a manutenção da homeostase psíquica dos demais componentes da família e não apenas da criança, razão pela qual deverão seus membros dele prover-se, reciprocamente, por meio de mecanismos de interação afetiva, servindo de continente para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante seu processo evolutivo.

Assim, se os responsáveis e os professores/as influenciam, e em certa medida, determinam o comportamento e conduta das crianças, igualmente, modificam e condicionam as atitudes dos responsáveis e dos/as professores/as. Assim sendo, as funções da família e da escola não são estanques ou de atribuições exclusiva de papéis aos quais se costumam imputar seu exercício, as relações transferenciais são para o além do interjogo das relações interpessoais e constitui alicerce para a construção dos sujeitos.

Sendo a aprendizagem um fenômeno bastante complexo, determinado por fatores internos e externos, além de aspectos cognitivos, afetivos e sociais, faz-se necessário recorrer a várias ciências relacionadas com o processo de aprender, a fim de se obter uma visão multidisciplinar, na tentativa de se compreender o processo de aprendizagem, além de investigar a etiologia das dificuldades de aprendizagem e das relações intra e interpessoais.

Constata-se a necessidade de contar, na instituição escolar, com profissional que aja como dobradiça, capaz de articular e orientar as questões de dificuldades de aprendizagem e as relações interpessoais, pois muitas vezes, encontram-se educadores/as que se julgam incapazes de “agir” perante as necessidades apresentadas, o que dificulta a efetiva aprendizagem e piora as relações afetivas. Neste sentido observamos a importância dos conceitos da psicanálise na prática pedagógica, o que evidenciará melhora na compreensão do desenvolvimento biopsicossocial do sujeito.

Por fim, ao ocupar-se dos estudos da psicanálise e da aprendizagem humana, o professor/a abre uma infinidade de possibilidades de ações no âmbito de sala de aula, que vai desde a prevenção das dificuldades de aprendizagem até uma atuação mais eficaz por parte do educador e um posicionamento crítico frente ao fracasso escolar e das relações sociais.

A ação pedagógica do professor/a proporciona uma dinâmica prazerosa, que visa à possibilidade do desenvolvimento da autonomia e autoria do pensamento do/a aluno/a, da construção sadia de sua personalidade, enquanto ser social e da otimização de sua relação com o conhecimento e sucesso escolar. Do mesmo modo, o/a professor/a, além de trabalhar na prevenção das necessidades de aprendizagem e nas dificuldades de relações sociais, pode contribuir para o resgate do prazer de ensinar do/a educador/a e aprender do/a educando/a, nas mais diversas situações de ensino e da aprendizagem; ele centra seu olhar sobre o/a aluno/a e promove as intervenções a partir das necessidades evidenciadas pelos sujeitos ensinantes e aprendentes.

Porém, o que se considera mais importante, é a possibilidade de mudança que esta prática traduz, pois acredita-se que a educação é um processo contínuo, que envolve e requer mudanças constantes: de atitudes, posicionamentos, prática e conhecimentos, que permitam a transformação, tanto a nível individual como coletivo, em busca de cidadãos críticos e atuantes. Essa produção objetiva contribuir para a formação dos profissionais da educação infantil, uma vez que envolve todo o contexto educacional e, principalmente os fatores ligados à aprendizagem, as questões psíquicas e as relações intra e interpessoais. Sem dúvida, ainda existem muitas questões a serem discutidas e analisadas no que tange à educação e psicanálise.

Referências

BERNARDINO, Fischer Mariza Leda (Org). *O que a psicanálise pode ensinar a criança, sujeito em constituição. Infância e Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2006.

BORGES, Maria Luiza Soares Ferreira. *Função materna e função paterna na atualidade*. 2005. Dissertação – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BRASIL. PNE. Lei. nº 13.005, de 25 de junho de 2014- *Plano Nacional de Educação*. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm Acesso em: 02 de set de 2020.

BRASIL. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acesso em 30 set. 2020.

BRASIL Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CEB nº 6*, de 20 de outubro de 2010 - Define Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br>>>. Acesso em: 31 de Março de 2019.

DOR, Joel. *O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud – obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud – obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud – obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud – obras completas volume 16: O eu o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

GARCIA- ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação*— Brasília, DF: Inep, 2018.

KUPFER, Maria Cristina. *Educação para o futuro. Psicanálise e Educação*. 4.ed. São Paulo: Escuta, 2013.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MEIRIEU, Philippe. *O cotidiano da Escola e da Sala de Aula. O Fazer e o compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MRECH, L. M. *Psicanálise e Educação: Novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MILLOT, Catherine. *Freud Antipedagogo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1995.

NASIO, Juan David. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NASIO, Juan David. *Édipo O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NASIO, Juan David. *O Prazer de Ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

OCARIZ, Maria Cristina. *O sintoma e a clínica psicanalítica. O curável e o que não tem cura*. São Paulo: Via Lettera editora e livraria, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.